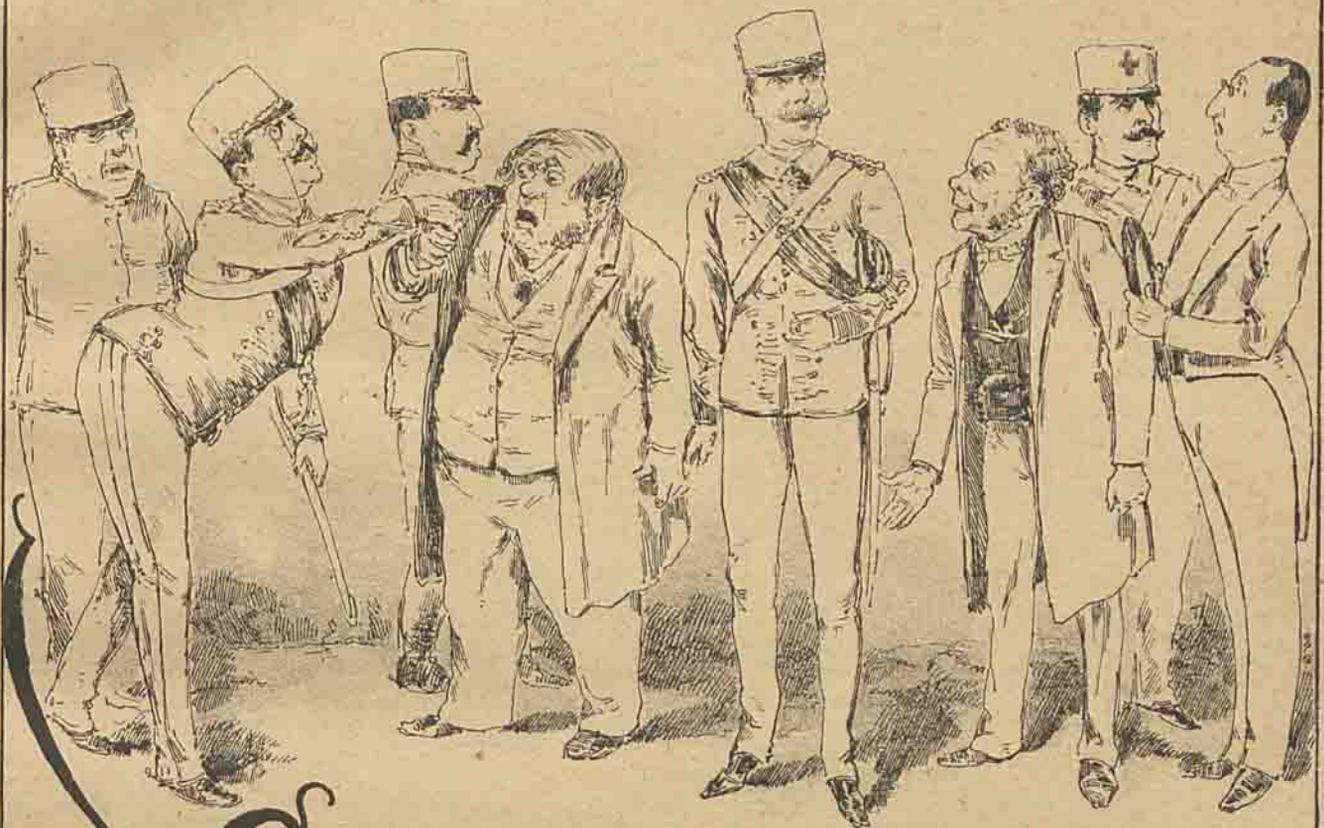


THEATRO DE D. MARIA



GUERRA EM TEMPO DE PAZ

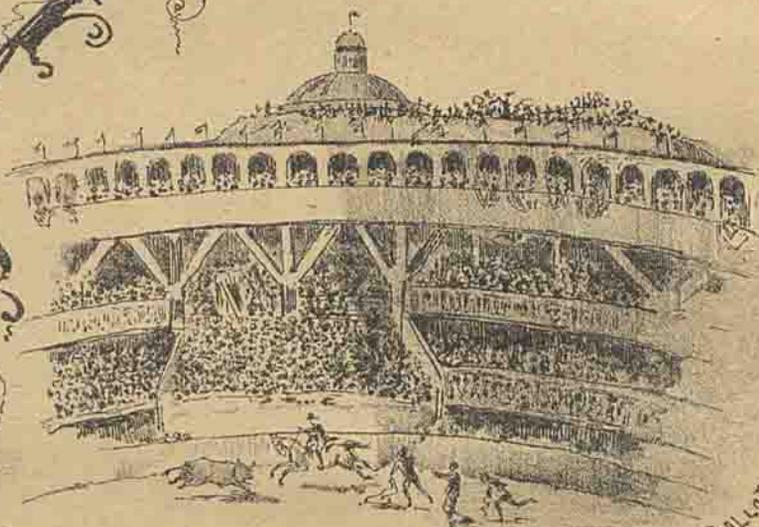
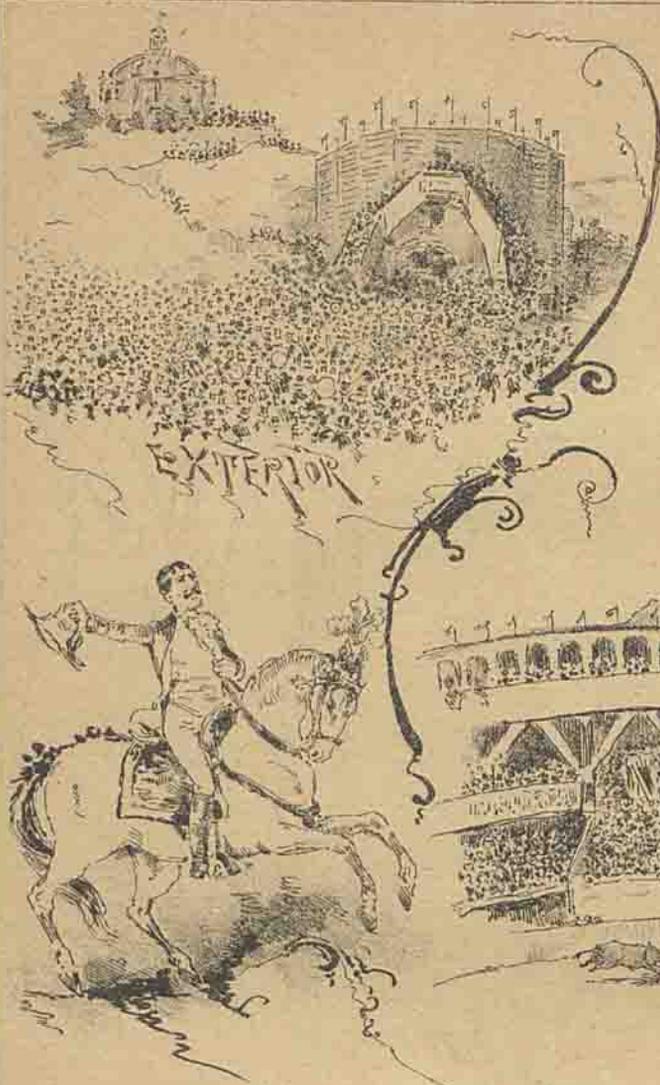


Francamente que nós a idavamos de pé atraz com as coisas allemãs. A cerveja achavamol-a semsaboronamente morna; as mulheres semsaboronamente frias; a musica semsaboronamente triste.

Mas a comedia que se está representando em D. Maria fez-nos esquecer todas essas semsaborias e, como peça theatral enche-nos as marcas, vasando-nos a billis do figado com muito mais efficacia, n'uma so noite, de que dois mezes de tratamento rigoroso a aguas alcalinas. Aquella peça pode considerar-se a ruina de Vidago!

Porto

A inauguração da praça de louros na serra do Pilar



RAFAEL BORDAL LOPEZ

Por ahí...



O assumpto da semana é a proxima chegada a Lisboa do rei Oscar da Suecia, que o povo denomina pittorescamente «o Rei do Bacalhau.»

Lembra-nos, a proposito, uma conhecida historia de eleições.

Lá vae ella para os que ainda a não conheçam, a despeito dos seus numerosos conhecimentos.

Foi ha muitos annos, n'um circulo eleitoral,

cujó numero não vem ao caso.

Era domingo e feria-se a batalha eleitoral na respectiva igreja matriz.

Nove horas acabavam de soar no relógio de Nossa Senhora, como dizia o Theodorico nos *Mysterios de Paris*, e ia principiar a votação.

O carneiro com batatas estava ao lume e cheirava que era um regalo; os galopins com listas estavam a postos—e cheiravam tambem que era um regalo.

Como succede em quasi todas as eleições, havia dois candidatos: um governamental e outro opposicionista.

E, egualmente como succede em quasi todas as eleições, era ponto indiscutível que o candidato do governo tinha a victoria da eleição como favas contadas, ao passo que o da opposição seria mandado a fava pela grande maioria dos eleitores.



Ao soar da ultima badalada das nove horas o presidente da mesa declarou que ia dar começo ao acto eleitoral e immediatamente principiou a chamada dos eleitores pela ordem alphabetica.

—Abel Antonio Gomes!

—Presente!

E lá foi uma lista para o candidato do governo.

—Abilio Amancio Chaves!

—Presente!

E lá foi outra lista para o mesmo e já citado candidato.

E assim successivamente, com a regularidade monotonica d'um papel passento filtrando licór de hortelã-pimenta, a cada nome invocado pingava na urna mais uma lista, sempre para o candidato do governo.

E cada lista que entrava na urna era como se entrasse uma faca na barriga dos tres ou quatro amigos do candidato da opposição.

(Um candidato da opposição nunca tem mais de tres ou quatro amigos.)

Já a chamada dos eleitores tinha passado por cima dos Abeis, dos Abilios, dos Acacios, dos Adriões, dos

Alfonso, dos Alfredos, e ia entrar pelos Anastacios dentro, quando no adro da igreja se produziu um movimento singular, um borborinho extranho, uma falacia desusada, que logo se communicou ao interior da igreja, obrigando o presidente da mesa a soltar tres *schius!* tão formidaveis que até pareceram tres arrôtes!

A ordem porém não se restabeleceu aos *schius* do presidente, antes o borborinho augmentou, saindo todos da igreja, em tropel, e d'ahi por um bocado já ninguém se entendia e os eleitores em massa vociferavam desesperados, rasgando as listas, que calcavam aos pés, e levantando para o ceu os punhos cerrados, ameaçando a terra, o mar, o mundo e o administrador do concelho que pretendia fazel-os entrar na ordem!



Eis o que se passára:

Momentos antes de começar a eleição, uma senhora fidalga, muito estimada no sitio — D. Clotilde se chamava ella — e singularmente afeiçãoada ao candidato da opposição, dissera muito naturalmente a uma das suas amigas e tendo o cuidado de levantar a voz, para que o criado da casa não perdesse uma palavra:

— Ora vê tu que desgraça que vac ser a eleição do candidato do governo... Elle proprio me deffarou que, assim que se abrirem as camaras, a primeira coisa que faz é apresentar uma proposta de lei auctorizando o governo a vender aos inglezes a Ilha do Bacalhau! Imagina tu porque preço vac ficar o bacalhau quando o governo vender a Ilha aos inglezes!...

A amiga da D. Clotilde não percebeu nada, mas o criado foi logo d'ali para a porta da igreja badalar o caso, e eis como d'ahi a nada o povo indignado rasgava as listas governamentaes, gritando com toda a força dos seus pulmões sajeios:

— Abaixo o governo! Queremos a Ilha do Bacalhau! Morram os inglezes! Viva o bacalhau com batatas!

E corriam todos a abraçar as pernas do condidato da opposição, promettendo votar n'elle e obrigando-o a jurar pela memoria da senhora sua sogra que deffenderia em camaras a integridade do fiel amigo do povo a autonomia da Ilha do Bacalhau!

E o candidato, apesar de não saber onde era a tal ilha, jurou tudo quanto elles quizeram, guardando-se para mais tarde pesquisar na chorographia do sr. João Felix Pereira para que lados ficava a tal afamada Ilha do Bacalhau, por onde elle involuntariamente fizera caminho para a camara dos deputados...

Andou muitos annos a estudar isso improficuamente, mas hontem encontramol-o radioso de alegria, na esperança de conseguir o seu fim.

— Sabes? disse-nos satisfeitissimo; sabes que estou em vespas de descobrir onde pára a tal Ilha do Bacalhau, á qual devo a designação de *antigo deputado da nação* nos meus bilhetes de visita?

— Sim?! Então como? perguntamos-lhe curioso.

— Da maneira mais simples: assim que chegue a Lisboa o *rei do Bacalhau* pergunto-lhe onde é o seu reino, e elle ha de dizer-m'o — a não ser que o fizessem rei como a mim me fizeram deputado: sem lhe custarem onde é a *Ilha do Bacalhau*.



Clotilde

Salões, palcos e circoos



Já lá vac o temor suscitado em todos os espiritos pela horrenda catastrophe do *Baquet* e o publico volta des-preoccupadamente a frequentar todos os theatros, agora até com mais assiduidade, como que para se indemnisar das noites que

passou a jogar a bisca na semsaboria da familia.

Evidentemente não ha razão para reccios; as providencias adoptadas são garantia mais que segura de que nenhum theatro arderá, ainda que esteja ardendo por isso!

Se attentarmos n'essas providencias, veremos que algumas providencias são o cumulo da providencia.

Temos, por exemplo, a providencia que manda aos commissarios de policia que compareçam nos theatros uma hora antes de começar o espectáculo, afim de fiscalisarem se tudo está conforme o regulamento.

Essa fiscalisação consiste:

1.º — Em verificar se os bombeiros estão nos seus postos.

2.º — Item se as portas estão convenientemente abertas.

3.º — Item se as luzes supplementares de velas, de stearina estão devidamente accesas.



Para se comprehender todo o sabio alcance d'esta providencia é necessario meditar um bom pedaço.

Á primeira vista parece-nos exaggero de providencias que se incommoda um commissario de policia, obrigando-o a largar o jantar no melhor da festa e a prejudicar a digestão no melhor do chylo, só para que esse magistrado vá verificar se as luzes estão apagadas ou accesas, se as portas estão abertas ou fechadas, se os bombeiros estão presentes ou ausentes.

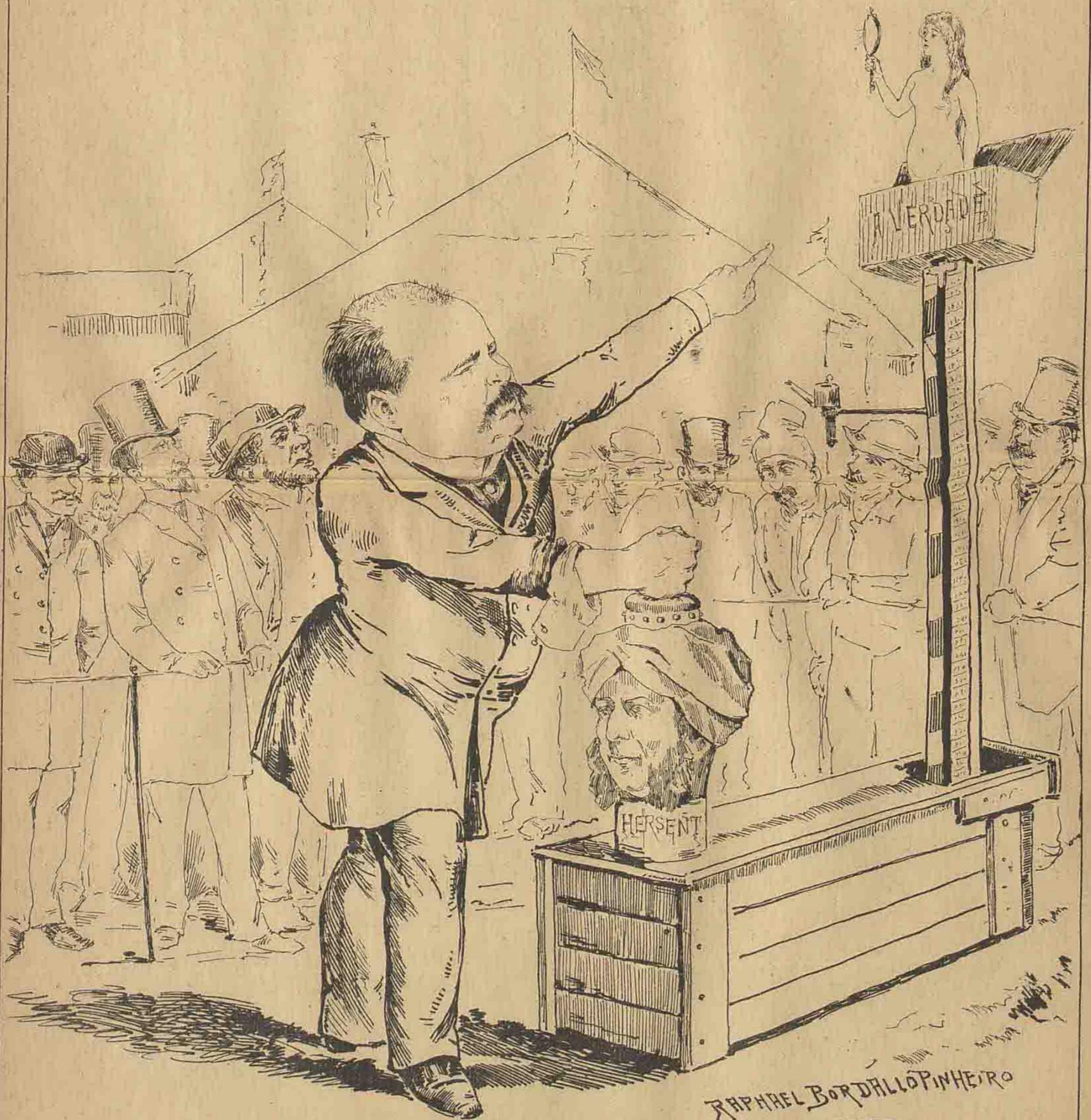
Ao primeiro relance chega a gente a imaginar que um serviço apparentemente tão simples cacuzava de ser commettido á elevada cathogoria d'um commissario illustrado que sabe fallar as linguas, podendo muito bem ser desempenhado por um simples guarda de policia, d'aquelles que apenas sabem dizer «ande lá p'ra *diente*», estropiando a propria lingua patris.

Pois se esses guardas são competentes para tolherem a liberdade a um cidadão livre, fazendo-o andar lá p'ra *diente*, quando a elle lhe appeteca andar para traz; se é na mão d'esses guardas que está a garantia das nossas instituições, a segurança das nossas casas, o coração das nossas creadas de servir; se elles são sufficientemente instruidos e competentemente aptos para vigiar a cidade, interpretar a lei e guardar a propria pessoa do monarcha em caso de aperto, como demonio não tem elles talento, aptidões, instrucção e competencia para verificar se um bombeiro está ou não no seu logar, uma porta está fechada ou aberta, um coto de stearina está acceso ou apagado?!...



Estas são as considerações que nos suggere uma primeira observação.

A QUESTÃO HERSENT



Na feira da politica, a questão Hersent representou o papel da *cabeça de turco*, onde todos foram a experimentar forças.

A victoria coube porém ao ministro, cujo pulso energico achatou a *cabeça do turco*, fazendo surgir clara a figura da *Verdade* nua e crua, como ella é.

— Agora é que a questão está na marcação, como diz o Dantas Baracho.

Meditando, porém, sobre o caso uma boa talhada de tempo, comprehendemos afinal como os talentos d'um simples policia eram impotentes para tão espinhosa tarefa e d'ahi a necessidade de commettel-a nas pessoas dos respectivos commissarios.

Ora faça o leitor de conta que é policia.

Já fez?... Bem. Agora faça tambem de conta que entra n'um palco onde está armada uma bella scenã pintada pelo pincel inimitavel do Manini.

Já fez de conta que entrou? Então olhe lá para o fundo, onde está o panno do mesmo fundo, e diga-nos o que está vendo.

Está vendo uma porta aberta de par em par; por cima d'essa porta um lampeão suspenso com uma luz, até por signal bruxuleante; encostado a essa porta um bombeiro municipal com todos os *fferra* da ordenança, de trancinha de corda a tiracolo e machadinho pendurado á cinta.

Pois fique sabendo que não ha porta aberta, nem luz bruxuleante, nem bombeiro de trancinha, porque tudo isso é pintado pelo Manini e faz parte do scenario do drama que logo se vaé representar!



Comprehende agora como um simples policia civil

podia facilmente ser illudido por duas pinceladas do Manini e como a intervenção dos commissarios em pessoa se torna indispensavel para a authenticidade dos bombeiros de carne e osso, dos côtos de stearina e das portas de pau de pinho?

Ora então dá graças ao Senhor pela sapiente providencia que inspirou aquella providencia, sem a qual o leitor podia encommendar-se á Providencia para depois morrer assado.

Nós ainda iamos mais longe, se fossemos o supremo arbitro das providencias theatras.

Prevenindo o caso possivel de que, em seguida á fiscalisação do commissario da policia, algum bombeiro tivesse de afastar-se do seu logar, por caso provisorio de força maior, algum pé de vento fechasse uma porta, e algum irmão d'esse pé de vento apagasse uma vella, nós mandávamos contar todos os bombeiros, todas as portas e todos os cotos de stearina que fazem serviço nos theatros de Lisboa e faziamos nomear tantos commissarios de policia quantos fossem necessarios para ficarem permanentemente de vigia, um a cada bombeiro, um a cada porta, e um a cada côto!

Cam. Tarantula

Soldados para a parada

Constou que havia parada
Da milicia, toda scia,
Quando a Lisboa fosse honrada
P'la visita annunciada
Do monarcha da Suecia.

Sá Carneiro, que é o nosso
Bonaparte, Moltk e Boum,
Foi correndo em alvoroço
Contar das tropas o troço
E os soldados um por um.

Tendo-os contado por gomos,
Tendo-os medido a bitolas,
Disse, imponente de assomos:
— Em soldados, nós dispomos...
... Dos vet'ranos de Beirolas!

— Mas, se ha faltas na fileira,
Eu de suppril-as me incumbo:
— A quem tem quente a algibeira,
Nunca no Mattos Moreira
Faltam soldados de chumbo...

— P'ra que gastar bagos n'isso.
(Diz do Bailio a voz franca)
Se eu posso, sem reboliço,
Prestar no caso um serviço
Que as urgencias atamanca?

— Tu resolves esta scena?!...
(Deixa tratar-te por tu...)
Se isso não for cantilena,
Eu faço-te uma novena
Resada a S. Barambu!

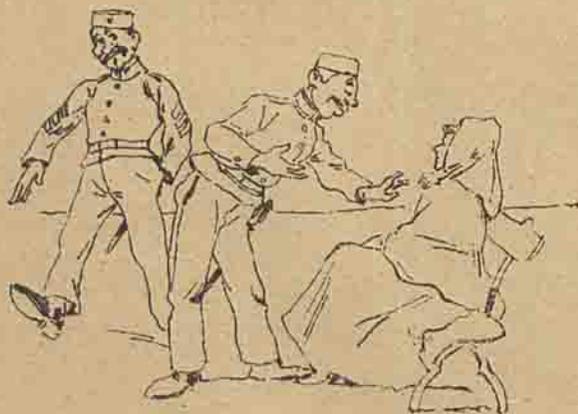
— Escuta, a ver se se amolda
Ao caso a minha receita:
Se uma coisa se dessolda
O funileiro que a solda
Deita-lhe uns pingos, não deita?

Ora então, se os teus soldados
Andam todos com licença,
Isto é, estão *dessoldados*,
P'ra voltarem a *soldados*
Quærem pingos sem detença.

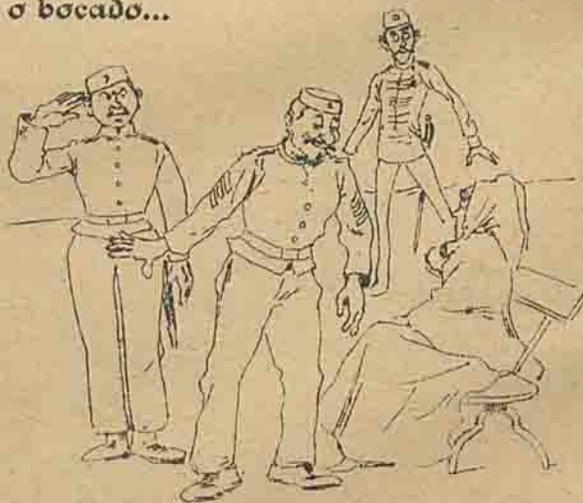
O processo que te esboço
E' de escacha peceguciro!
Resurge o exercito nosso...
E, p'ra o caso, o mais que eu posso,
E' servir de funileiro...

Cam. Tarantula

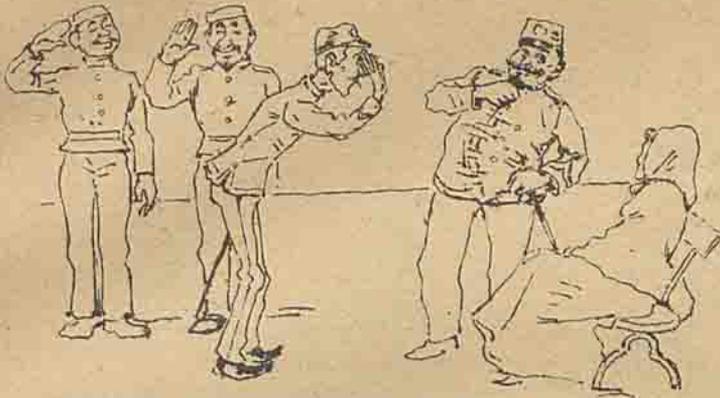
Guardado está o bocado...



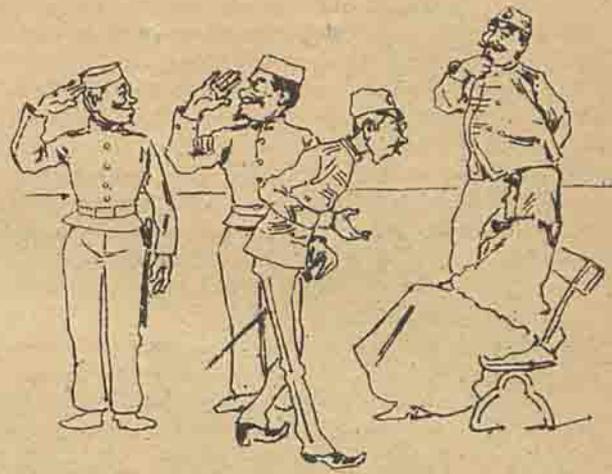
Ella estava sentada, á porta do quartel. Vem um soldado, e faz-lhe pé d'alferes.



Chega o sargento e faz-lhe o mesmo pé.



Aparece o alferes e faz-lhe o seu pé que os outros estavam fazendo.



Surge o capitão e uzurpa o pé do alferes.



Acerca-se o maior e continua no mesmo pé.



Aproxima-se o coronel e o major também tem de passar o pé.



Desponta o general e o coronel vac para o pé dos outros.



Nofim de contas, ella... estava á espera do corneta !!!

M. Magalhães

O concerto de Cyriaco de Cardoso



Festa brilhantíssima. Regina Paccini, a nossa primorosa cantora, applaudidíssima. D. José d'Almeida, o cantor correcto e elegante, Moreira de Sá, o nosso primeiro erudito em musica. Coquelin, o grande actor francez, todos justamente victoriados. Para que o brilho fosse completo nem faltou o claro escuro, representado na nossa humilde pessoa, de cujo insignificante trabalho aqui fica uma miniatura — por causa dos equívocos...

Como esse trabalho foi uma excepção, poderíamos ter dito ao publico benevolo, aquella phrase do Miguel Strozoff: — abre bem os teus olhos, abre-os bem! que nunca mais tornarás a ver uma borracheira d'estas! Cyriaco foi muito obsequiado, sendo grande o seu reconhecimento para com Emygdio d'Oliveira, o amigo dedicado, Adriano Moraes Carvalho a quem se deve a ida de Coquelin ao Porto, e Cascaes, o consul de Lisboa, que é sempre um companheiro dedicado.